



AS NOVAS PERSPECTIVAS NAS ARTES VISUAIS: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E AFRO-INDÍGENAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO RECIFE E REGIÃO METROPOLITANA

NAYARA FERNANDA SANTOS DE SENA⁵⁶

TAINÃ MOEMA ESPÍNDOLA DE SOUZA⁵⁷

RESUMO

Este artigo tem como intuito perceber as subjetividades, por meio da arte/ artes visuais, que permeiam as relações existentes entre: religiões afro-brasileiras e afro-indígenas, a cultura e o acesso/ consumo/ representação dos povos de terreiro e do povo negro e indígenas, e artistas envolvidos com a temática no Recife e Região Metropolitana. A pesquisa foi construída tendo como campos etnográficos: museus, terreiro e conversas e entrevistas com artistas e praticantes das religiões. O estudo lança olhar para a observação e compreensão de novas maneiras de concepção da afirmação identitária religiosa.

Palavras-chave: Arte negra; Artes visuais; Religião; Afro-brasileiros; Afro-indígenas

ABSTRACT

This paper aims to understand the subjectivities, through art / visual arts, that permeate the existing relations between: Afro-Brazilian and Afro-indigenous religions, culture and access / consumption / representation of the terreiro / black people and artists involved with the subject matter in Recife and the metropolitan region. The research was formulated by museums, a terreiro and dialogue with artists and practitioners of the mentioned religions as our ethnographic field. The study pursuits to observe and understand new ways of conceiving the religious identity statement.

Key-Words: Black Art; Visual Arts; Religion; Afro-Brazilian; Afro-Indigenous;

O ARTISTA E A ARTE/RELIGIÃO AFRO BRASILEIRA

Perceber a produção artística de uma sociedade nos permite compreender, a partir de diversas linguagens, no viés das artes visuais, de que maneira estão sendo concebidas, denunciadas, manifestadas e comunicadas as emoções, cultura e história, inseridas em um espaço e tempo, de acordo com um contexto social no qual o artista e sua obra estão inseridos.

56. Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco

57. Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco



O acesso a arte, a percepção do que é arte e artista no Brasil sempre esteve atrelado a fatores econômicos, sociais e étnicos. A arte produzida por grupos e sujeitos periféricos são subvalorizadas e folclorizadas, não conseguindo historicamente ascender a “espaços destinados a arte”, e suas expressões artísticas são deslegitimadas e ganham o título, na maioria das vezes, de cultura popular.

Esses grupos periféricos, que já são negados social e culturalmente de diversas formas, passam a ser atores sociais e exercer seu protagonismo; sua arte, assume um papel bastante simbólico e necessário. Com isso, a arte afro brasileira e afro indígena, se fortalece, então, em contrapartida à hegemonia europeizada e adquire um posicionamento político contestador ao cenário social e cultural, o qual foi e ainda é historicamente rejeitado.

A arte de cunho racial, especificamente negra, e religiosa, por ter sido invisibilizada socialmente, assume linguagens e espaços próprios, no qual suas obras circulam de modo efetivo, permitindo o reconhecimento e incorporação, tanto de novos artistas quanto de um público consumidor; uma espécie de “aquilombamento” das artes.

As religiões afro-brasileira e afro-indígenas, assim como seus praticantes, que são incessantemente discriminadas e estereotipadas por parte de uma linha ideológica de dominação de outras religiões hegemônicas, e ainda alimentada pelo senso comum e nutrida pela mídia, na arte; ganha inúmeras formas de expressões, elucidando simbolicamente um reconhecimento identitário, quebrando preconceitos para quem produz e consome. Os artistas contemporâneos incorporam a abordagem diaspórica e descolonial dos seus fazeres artísticos e culturais:

“Eu acho que a arte e a religião eu vejo muito como uma cultura, uma cultura bem intrínseca. Acredito que a arte dentro da religião de matriz africana ela é muito latente, porque tudo o que a gente faz ela tem um significado, ela tem uma doutrina, ela tem uma relação muito forte com... com, né? Com tudo o que nossos ancestrais reproduziam durante esse processo de colonização. Então é a religião que pra mim, dentro dela todo processo é que feito, todo ritual ele é uma arte, porque ele foi feito com condições, né? Muito desfavoráveis, como eu disse anteriormente ela nunca teve uma, um espaço, uma relação de respeito da sociedade isso foi conquistado durante o tempo e pra que isso se perpetuasse várias formas de fazer com que isso ficasse vivo foram feitas através da arte, das esculturas, da forma simbólica de representar, é a arte foi utilizada também dentro da perspectiva de resistência no sincretismo religioso, então todo um cenário que a gente observa tudo da religião de matriz africana tá ligado a arte, no meu ponto de vista. É porque a arte do nosso povo ancestral, do nosso povo negro, que saiu, né? da África traficado pra cá e teve que deixar lá toda sua cultura, aqui teve através de toda, de toda manifestação artística que faziam, eles com isso, né? resistiram pra poder manter todo o seu patrimônio e sua simbologia ainda viva. Então a arte ela é a forma acredito eu, na religião de matriz africana de manter



essa resistência, de fazer com que a expressão através da sua arte, da sua dança, da sua culinária da sua cultura, ela permaneça viva pra que a gente sempre possa tá louvando nossos ancestrais. (PRAZERES, Igor; 2019)

Notar a arte e as religiões afro-brasileiras e afro-indígenas, proporciona a concepção do diálogo recíproco entre indivíduo e coletivo, assim como identificar os atores capazes de dar significação:

Assim, as histórias de vida e suas produções nos campos religiosos, artístico e cultural explicam os rastros da construção de subjetividades afrodescendentes plurais, num jogo de relações estabelecidas em cenários sociais nos quais esses personagens se inscrevem como atores em enredos e tramas significativos (JÚNIOR, Robert Daiberr; PEREIRA, Edimilson de Almeida, 2012, pag. 13).

O CAMPO ETNOGRÁFICO E A VISIBILIDADE CULTURAL- RELIGIOSA

Para o campo de pesquisa, dentro deste cenário de incongruência da arte e da religiosidade afro-brasileira e afro indígena, nos propomos a compreender como está sendo interpretado em museus e galerias de arte do Recife e Região Metropolitana a representação da religião e como os artistas se encontram nessa expressão artística e nesses espaços. Em decorrência disso, decidimos por esses “espaços de legitimação artística” devido ao grande crescimento de exposições nesse âmbito nos últimos tempos e em museus não “convencionais” para a temática, como o Museu do Estado de Pernambuco, além de entrevistar os artistas Rennan Peixe e Roberta Guimarães.

Durante o processo de construção do trabalho necessitamos readequar nosso campo e proposição do trabalho, assimilando uma visão mais ampla sobre os espaços artísticos, tomando como partida também as tecnologias comunicacionais, como as redes sociais, nas quais grande parte dos trabalhos são divulgados e assimilados por seu público consumidor.

Para um maior entendimento da temática também inserimos ao nosso campo de pesquisa a perspectiva por parte dos praticantes da religião, com o intuito de uma melhor compreensão sobre a concepção da relação arte e religião e das linhas tênues que circunscrevem essa abordagem, como o limiar entre publicização ou não do sagrado e a construção de perspectivas de resistência e fortalecimento para a comunidade de terreiro. Para tanto tomamos palco o centro religioso Roça Oxaguiã Oxum Ipondá, localizado na Região Metropolitana do Recife. Foi realizada uma conversa com o sacerdote responsável pelo terreiro, Junior de Ajagunã e a partir de sua indicação uma entrevista com o Ogan Igor Prazeres.

Os campos etnográficos que usamos foram: o Museu da Abolição no bairro da Madalena; o museu do Homem do Nordeste, no bairro de Casa Forte, o Museu do Estado, na FUNDAJ



(Fundação Joaquim Nabuco) no bairro Apipucos, todos na região metropolitana de Recife. A escolha do Museu da Abolição se deu por sua temática já ser voltada para o afro e o afro brasileiro, mas ao ir a campo percebemos que o museu não apresenta material exposto que tenha relação com a religião, no entanto foi lá, que refletimos mais sobre o tema da pesquisa através da observação da exposição itinerante: Contextos afro digitais.

Nessa exposição eram mostrados influenciadores digitais negros, de diversas regiões do Brasil e que falavam sobre os mais variados temas voltados para o público negro, com o intuito de fortalecer a identidade afro-brasileira. Assim, através da reflexão sobre a exposição, abrimos nosso campo de pesquisa para mídias digitais e artistas que trabalham com religiões afro-indígenas.

Ao pesquisar artistas recifenses que adentrassem o nosso tema de pesquisa, descobrimos Rennan Peixe, que através da fotografia registra:

“A cultura africana em diáspora, tanto no campo da religião como no campo da brincadeira popular, dos brinquedos populares”, com intuito de “apresentar uma linguagem fotográfica que fortaleça o imaginário de resistência africano e afro indígena e que permita o empoderamento das pessoas negras através da representação construída na imagem fotográfica” (PEIXE, Rennan; 2019).

No museu do Homem do Nordeste nos deparamos com um acervo bem diverso onde encontramos representações de alguns orixás, representações de oferendas às divindades, vestimentas e vídeos de figuras importantes para os terreiros pernambucanos. Até então não havíamos encontrado artistas negros recifenses que representassem a povo negro e as religiões afro brasileiras na arte em museus, além de Rennan, que possuía exposição na galeria Vila, na Cidade de Camaragibe, mas, ao procurarmos nas redes sociais, encontramos diversos artistas que seguiam a temática religiosa afro-brasileira e indígena para desenvolver suas artes.

O contato realizado com Roberta Guimarães, se deu pela sua atuação profissional e sua exposição mais recente ocorrida no Museu do Estado de Pernambuco, com curadoria do antropólogo Raul Lody.

A sua exposição é denominada Agô, que no idioma *iorubá* significa “com licença”, descreve a delicadeza da artista ao seu relacionar com as religiões. “Antes de tudo Agô, com o título da minha exposição peço licença aos orixás e ao povo de terreiro, visto que não sou iniciada, o meu lugar de fala não é de alguém que é da religião. Minha visão é uma visão estética e de respeito à complexidade que é o Xangô Pernambucano. “

Roberta refere-se aos centros religiosos na sua multidimensionalidade: “Os espaços de práticas das religiões de matriz africana, não são apenas locais de culto religioso, mas



também instrumentos de preservação das tradições ancestrais africanas”. Inédita no Recife, a exposição trouxe 40 fotografias, vídeos e informações sobre terreiros de xangô de Pernambuco, conduzindo o olhar para a diversidade, combate ao preconceito e reafirmação dos direitos humanos. As imagens são o resultado de mais de três anos de pesquisa feita pela fotógrafa, em 14 terreiros de xangô de Pernambuco, trabalho já registrado no livro “O Sagrado, a pessoa e o orixá”, lançado em 2013, no Recife. São apresentadas imagens que mostram as particularidades dos rituais, respeitando a tradição e a religiosidade.

A escolha da Roça Oxaguiã Oxum Ipondá para o campo de pesquisa se deu pelo vínculo de uma das proponentes da pesquisa, Tainã Moema, e pelos posicionamentos e articulações políticas que o centro religioso se propõe a realizar, como demonstra a fala do Babalorixá Junior de Ajagunã: “Lutar contra o racismo religioso é lutar por democracia, por direitos secularmente levados, é lutar contra o que nos maltrata, o que nos machuca, nos mata. A minha luta é a dos meus ancestrais”. O contato com a casa foi realizado anteriormente, tendo a entrevista sido realizada no dia 02 de novembro de 2019, no dia em que a casa também realizava rituais para os ancestrais. Além disso, houve uma conversa previa com o sacerdote, quando se deu a indicação do Ogan Igor Prazeres para dar continuidade ao processo etnográfico.

Com a utilização de entrevista semiestruturada, dialogamos sobre as temáticas da arte, arte negra, religião afro-brasileira e afro-indígenas, saberes, perpassar de saberes e utilização de redes sociais, ferramentas políticas de articulação do povo negro e da comunidade de terreiro.

A arte, enquanto representação da religião, possui um grande valor sociocultural para o fortalecimento da identidade afro-brasileira e afro-indígena, na medida em que fomenta uma visibilidade para pessoas e vivências que historicamente foram invisibilizados. Essas representações religiosas vistas em campo e na internet, trazem a ideia de simulacro na medida em que simbolizam para o público as vivências religiosas através da arte não fazendo de seus objetos e elementos tradicionais algo banal, mas possibilitando o reconhecimento dos pertencentes a o aprendizado por parte dos leigos.

Os impactos advindos desse recente aumento da introdução de artistas e da arte negra nos museus contemporâneos e nas redes sociais possibilitam uma abrangência de público maior que encontra nesses espaços arte e artistas que quebram com a exotização da arte e da religião afro-brasileira e afro-indígena, rompendo com a invisibilidade social e cultural a que esses povos e religiões são submetidos há décadas.

Oportuniza também, uma quebra de paradigmas, em como os(as) afro brasileiros(as) e indígenas, assim como, pertencentes às religiões afro-brasileiras e indígenas se en-



xergam enquanto sujeitos sociais e construtores da continuidade de sua história e de suas tradições, além de fornecer conhecimento sobre sua cultura de forma direta, provocando a reflexão sobre os comportamentos sociais no tocante às religiões afro, as quais sobram diversas repressões e são alvos constantes de intolerância religiosa.

O MUSEU E SUAS FUNÇÕES

O Museu possui certas funções na sociedade e entender a importância política do museu, enquanto reflexo da sociedade e desencadeador de reflexões, é também entender que este é um “guardião” de memória histórica e cultural. Pensando numa perspectiva de mudança, o fortalecimento dos movimentos negros nos últimos anos no país, foi de extrema valia para a mudança museológica, pois permitiu aos negros e negras se enxergarem enquanto corpo político, social e cultural, e passaram a reivindicar e a se colocarem nesses espaços, os quais lhes era renegados, e onde eles não se enxergavam e não eram enxergados.

Refletindo sobre o Museu, articulando algumas funções do museu e tomando como base a temática da pesquisa e o campo etnográfico estudado, designaram-se três funções: a política, a social e a cultural; que não são restritivas nem únicas, são apenas para sistematização do conhecimento.

A função política, não está ligada de forma direta ao Estado, mas sim em pensarmos enquanto cidadãos, que muitos museus estão abertos por iniciativas de governos e órgãos culturais estatais e governamentais, com isso, a reflexão dessas instituições em diversificar e em promover esta diversidade é indispensável. Além de pensar em medidas efetivas que levem à arte e à possibilidade de produzir e consumir arte a todos.

A função social se apresenta ao dar visibilidade às diversidades sociais, seja de gênero, racial, religiosa, de classe social, para que seja oportunizado o conhecimento plural para o público, ou seja, para a sociedade, como também tornar-se uma ponte à visibilidade das diversidades. Essa alteração naquilo que é escolhido pelos museus para ser exposto, reflete diretamente o consumo da arte das pessoas, e, se elas são acostumadas a ver sempre uma hegemonia nesses espaços, absorvem uma arte específica. A mudança nos museus se dá diretamente com a sociedade, mas o inverso também é notável.

A função cultural, se dá na medida em que a própria estrutura museológica é um incentivador e promotor de culturas, as quais podem ser conhecidas, debatidas e viabilizadas através de seus artistas interlocutores, os quais dão visibilidade a suas culturas. Além de, através de seu acervo, preservar o patrimônio material de diversos povos e culturas, que poderiam ser conhecidos e reconhecidos no presente e no futuro.



Com as transformações sociais, políticas e culturais, principalmente após os processos de descolonização social e cultural dos povos, a preservação das manifestações culturais, tornou-se de suma importância para as sociedades:

(...) notam-se manifestações conscientes ou inconscientes de nostalgia, de busca de referências e de retorno ao passado, considerado como sendo um conjunto de valores tangíveis ou intangíveis, isto é, o patrimônio, sob suas diferentes formas (VARINE, Hugues de; Os museus locais do futuro _ reflexões, pag. 40).

O museu foi escolhido como o local central para manter os patrimônios preservados ao longo do tempo; e a partir dos anos 1960, o aumento de museus se deu rapidamente e nos anos 1980 e 1990 mais ainda, porém, ao longo do tempo, os museus passaram a não se centrarem apenas na conservação de patrimônios, mas estão em processo de renovar as práticas museológicas e facilitar a difusão das diversas culturas além do protagonismo artístico dos variados povos.

RELIGIÃO AFRO-INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA

A religião para as populações subumanizadas no período colonial brasileiro e nos desdobramentos desse processo compreendem parte da tecnologia de sobrevivência desenvolvida por esses povos. A organização religiosa possui grande contribuição para a manutenção dos saberes, sabores, formas, organização e cosmovisão do povo negro e indígena. A cultura e a religião dos negros no Brasil são um reflexo de processos de resistência das senzalas e dos quilombos; cantar, dançar o batuque e a capoeira, que misturam a música, luta e dança, possuem forte expressão cultural e religiosa, e compõem a expressão cultural afro-brasileira.

À medida que o africano se integrou à vida do brasileiro tornou-se afro brasileiro e mais que isso, tornou-se um brasileiro. O termo afro-brasileiro é usado para indicar produtos das mestiçagens de ascendentes portugueses e africanos. Além dos traços físicos, nas danças, na música e na religiosidade é que encontramos a presença dos africanos no nosso sangue (LIMA, Miguel, A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro, pag. 17).

Os negros e a religião de matriz afro-indígena, sofrem até o tempo atual, o reflexo da escravidão e do colonialismo, e desde esse período até hoje, sofrem a discriminação e o racismo na sociedade brasileira, que se mascara sob a falsa afirmação de que no Brasil, vivemos uma democracia racial.

Os indígenas, desde antes de 1500, marco do início da mais violenta dizimação indígena no território brasileiro, já vinham sendo mortos, explorados e catequizados; tiveram sua multiplicidade étnica dizimada e suas práticas culturais demonizadas. Mas os valores pre-



sentes nesses povos, que possuem uma forte ligação com a natureza, fizeram com que esta mesma natureza permeie todas as suas práticas sociais, culturais e religiosas.

O processo de exclusão e extermínio desses povos e a sua vivência religiosa são perpassados por diversos rearranjos para sua possível continuidade, como exemplo, temos o sincretismo religioso que permeia a construção e imaginário religioso e a fusão e interlocuções existentes nas religiões de matriz afro-indígenas. Em Pernambuco, podemos apontar religiões como candomblé, umbanda, jurema, como representantes dessas crenças, ainda existindo dentre elas uma multiplicidade de conceitos, formas e práticas distintas que permitem a existência de particularidades identitárias que nutrem as muitas possibilidades que os grupos negros e indígenas têm de conceber.

Dentre esses grupos, conceitos gerais como o controle dos recursos naturais; a garantia de território; a autogestão, formas próprias de organização social; fortalecimento histórico e da ancestralidade; fortalecimento cultural; como também a defesa da herança cultural configurada nos elos familiares; relações com a natureza e saberes locais asseguram e marcam nos contextos a identidade do grupo, são algumas questões que perpassam diante dos agrupamentos sociais tradicionais, com os quais as religiões afro-brasileiras e afro-indígenas estão compreendidas.

Não é... eu acho que as religiões afro-brasileiras e indígenas elas sempre foram colocadas num lugar de subjugação, elas sempre foram subjugadas que eram religiões que não eram referendadas como religião, foi uma luta do movimento, foi uma luta de toda nossa tradição pra poder reconhecer-lá como religião. Era tido como culto ao mal, religião como o próprio nome diz que o racismo já pega aí... era magia negra, era toda uma coisa que era ruim. E isso foi com o trabalho de vários ativistas, foi reconhecido como religião, a perseguição era muito grande desse processo das religiões afro-indígenas e hoje além de a gente continuar perseguido a gente já teve uma visibilidade maior, né? É já teve mais acesso a políticas públicas que antes não eram nos, nos... nos oferecido. E também eu acho que no processo do estudo da religião, elas nunca foram religiões de concentração de poder. Nunca foram utilizadas né... para construir processos políticos por exemplo que trouxessem benefícios maiores como a igreja católica né faz e como a igreja protestante hoje, com essa alienação através da fé, aí eles constroem o poder político pra poder tomar conta e pra poder criar uma sociedade que é a cara e o espelho de como eles se portam e não respeitando a diversidade como a nossa religião ela respeita (PRAZERES, Igor; 2019)

As particularidades presentes nessas comunidades religiosas são conflitantes em relação ao modelo hegemônico de desenvolvimento e concepção de valores, fato que exige de seus praticantes embates constantes em inúmeras instâncias sociais para afirmar princípios e direitos. Os antagonismos também aparecem na maneira como o Estado atua, a for-



mação estatal não está livre dos padrões hegemônicos. Desse modo, o acesso a políticas públicas, conquistas de direitos, reconhecimento, valorização e incorporação desses coletivos ainda existe com base em linhas muito frágeis, por vezes pautadas em um racismo religiosos e institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foi possível perceber como existe um campo farto para ser analisado sobre esta temática no território, tanto em função da existência de grande público consumidor quanto pela qualidade da produção artística existente. Pudemos pontuar a leitura de arte como ato político coletivo presenciado nas obras e artistas a que tivemos mais acesso.

As representações museológicas, especificamente o Museu do Homem do Nordeste, nos remetem à importância da religião para a vida em sociedade e sua relevância para a trajetória da construção da identidade territorial, estando latente em suas formas enquanto expressão da religiosidade e seu destaque como alicerce para inúmeras manifestações culturais.

A perspectiva lançada a partir da entrada dos artistas nesses campos de atuação revela a importância de uma quebra de hegemonia e representatividade importantes para a construção de uma sociedade que preserva e é respeitada em sua pluralidade. A construção do imaginário religioso pelo viés artístico das artes visuais promove uma ressignificação pela linguagem artística de práticas cotidianas, que só enquanto seus processos adquirem significados distintos para aqueles que assimilam a partir de suas vivências anteriores, reforçando a subjetividade e a multiplicidade atreladas à religião e à arte.

Destacamos o viés representativo e identitário/político de que produzir arte com essas temáticas possui e possibilita o empoderamento daqueles que 'consomem'. A importância da divulgação das obras em meios como internet facilita o acesso ao público. Também elucida uma nova maneira de estimular o se fazer coletivo/ativista, às tendências do ativismo contemporâneo. Finalmente, um terceiro elemento para estimular nosso debate coletivo neste quesito dos sujeitos está relacionado às identidades.

Provavelmente, esta seja uma das dimensões que mais mudaram nos últimos anos e décadas. Há uma dificuldade enorme em se pensar identidades relativamente coesas e fortes. Todos nós participamos de vários espaços e grupos e essas tendências de pluralismo forja identidades múltiplas. Além deste trânsito, outros dois elementos podem ser destacados: o uso mais ativo das redes sociais e dos meios digitais de comunicação e redes sociais. E



uma maior autonomia da/do militante em sua inserção dentro de uma coletividade. Disso se desprende uma tensão central entre o indivíduo e o coletivo, em consonância com uma maior individualização de nossas atividades, há também um maior protagonismo dos indivíduos no ativismo contemporâneo.

A arte, artistas e a religiosidade em Pernambuco tem uma grandiosidade para análise, e o entrecruzar dessas particularidades gera uma multiplicidade ainda maior de temáticas para o debate e aprofundamentos necessários. Desse modo, frisamos a importância de análises mais aprofundada sobre a temática, visto que os campos etnográficos e os interlocutores estão/podem estar em constantes transformações.

Com isso, a etnografia sucinta que realizamos nos auxilia a lançar vista sobre o grande espaço de atuação frente a presente temática, gerando ciclos de aprendizado, construção, estímulo em ambas as partes tocadas pelo trabalho. Tomando como parte do nosso produzir a incorporação de dinâmicas mais dialógicas e edificantes capazes de assimilar e reconhecer a importância da pluralidade de perspectivas identitárias e epistemológicas para superação e construção de outras commodities que não sejam os atuais hegemônico excludentes.

REFERÊNCIAS

BERCILACQUA, Juliana, SILVA, Renato. **África em Artes.**

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; RUOSO, Carolina (Org.). **Museus e patrimônio: experiências e devires.** Recife: Massangana, 2015. 158 p.

MÔNICA, Maria. **Das letras à lente: brio.** <https://youtu.be/otm5f4cDh60>

RESNAIS, Alain; MARKER, Chris. **As estátuas também morrem.** <https://youtu.be/AdxTp-zX6yRg>

RIBEIRO, René. **Cultos afro-brasileiros do Recife.** Rio de Janeiro. MEC - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. 1978.

RODRIGUES, Denise dos santos. **Terreiro contemporâneo: o negro pela perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil.**

ROBERT, Daibert Júnior; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **No Berço da Noite: religião e a arte em encenações de subjetividades afrodescendentes.** Juiz de Fora: MAMM Ed. 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Artes do Axé: O sagrado brasileiro nas obras de Carybé.**



Coletânea de diversos autores. **A luta popular urbana por seus protagonistas: direito à cidade, direitos nas cidades.** RJ. Ed. FASE. 2018

